

editorial

editorial

entrevista

interview

artigos submetidos

submitted papers

tapete

carpet

artigo nomads

nomads paper

projeto

project

expediente

credits

próxima v!rus

next v!rus

V 14

issn 2175-974x | ano 2017 year

semestre 01 semester



Metáforas de uma tecitura urbana: estudo de caso no bairro Serrinha, Fortaleza

Como citar esse texto: SILVA, A. L. S. V.; SOUSA, C. E. M.; FROTA, N. T. S. Metáforas de uma tecitura urbana: estudo de caso no bairro Serrinha, Fortaleza. V!RUS, São Carlos, n. 14, 2017. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus14/?sec=5&item=74&lang=pt>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

Anna Lúcia dos Santos Vieira e Silva é arquiteta e urbanista, Doutora em Espaço Público e Regeneração Urbana, professora adjunta da Universidade Federal do Ceará, coordenadora do grupo de pesquisa Varal - Laboratório de iniciativas em Design Social. Estuda espaços públicos, metodologias didáticas participativas.

Carlos Eugênio Moreira de Sousa é arquiteto e urbanista. Estuda processos contemporâneos de projeto no design, arquitetura e no urbanismo, modelagem da informação na construção e documentação do patrimônio arquitetônico, urbanístico e paisagístico.

Naggila Taissa Silva Frota é arquiteta e urbanista, Especialista em Geoprocessamento Aplicado à Análise Ambiental e Recursos Hídricos. Estuda planejamento urbano, habitação, mercado imobiliário e sistema de espaços livres.

Resumo

A tecitura urbana como metáfora nos oferece no presente artigo três níveis de interpretação para apresentarmos um estudo de caso. A primeira abordagem observa a malha urbana de Fortaleza, vista de cima, por meio de mapas familiares aos urbanistas, mas muito distantes da percepção cotidiana, ainda que não menos referente no que tange a malha urbana: uma colcha de retalhos, pedaços de paisagens, fluxos, usos, conectados por interpretações e diagnósticos. De uma visão macro para uma micro, é observado o Bairro Serrinha e nele uma localidade específica. A segunda visão diz respeito ao corpo aberto, que precisa ser suturado. São os problemas identificados em neste local, onde as consequências das irregularidades do sistema maior, emergem em um ponto que explicita sua urgente necessidade de cura. O terceiro enfoque diz respeito a uma tecitura feita por linhas invisíveis, entrelinhas que compõem um processo, uma equipe de trabalho, a construção da identidade local e o projeto, que costuram os objetivos e as transformações relativas aos níveis anteriormente analisados.

Palavras-chave: Sistema urbano; Processos participativos; Identidade local; Regeneração urbana.

1 Tecituras, suturas e costuras em um processo de transformação ativa

Para entender a cidade como um tecido, não basta observá-la. É preciso ser linha, agulha, movimento, elemento de composição e, algumas vezes, desatador de nós. Algumas situações urbanas se desenrolam em diferentes níveis de complexidade. São situações concretas, indivíduos, grupos, informações, ações, roca e fuso em roda no tempo inapreensível do entrelaçado cotidiano, a ponto de amalgamar o que tece no que é tecido.

Em 2014 a Universidade Federal do Ceará (UFC) recebe a demanda de uma organização não governamental para solucionar sérios problemas de um espaço no bairro Serrinha, em Fortaleza. O nível de complexidade e a necessidade de uma ação social conjunta e organizada dilatou este tempo até os últimos dias de 2015, quando demos por concluído o projeto e, para nós, o processo.

Em uma malha urbana, as camadas sobrepostas são as habitações informais em áreas ambientalmente frágeis. De um ponto de vista sistêmico (VIEIRA, 2008), podemos falar que essas ocupações ocorrem para satisfazer a permanência de sistemas em condição de fragilidade social, espaços colaterais dentro da cidade formal, especialmente quando esta cidade é pensada dentro de uma lógica que não inclui o entrelaçamento dinâmico de diferentes níveis de realidade que nela coexistem. Então, comunidades com poucas condições econômicas e alta vulnerabilidade social elaboram o ambiente através de uma lógica tácita de auto-organização, resultado

de uma cadeia de conexões internas elaborada, ainda que nem sempre de maneira consciente. Como resultado observamos situações de improviso que muitas vezes são insalubres e atendem uma necessidade imediata do sistema, que em geral não oferecem soluções para uma maior permanência.

Temos, então, a produção de um tipo de espaço colateral, subproduto e somatória de resíduos do tecido urbano que nada tem a ver com os planos da cidade formal.

A malha urbana, cujas costuras de compreensão e interpretação nos leva à escala do bairro, oferece o plano de entendimento deste tipo especial de espaço em seu contexto mais imediato, com problemas pontuais. Ao observarmos esta escala, no centro físico da cidade, no bairro Serrinha, identificamos um subsistema de habitações informais, em uma área ambientalmente frágil, com esgoto a céu aberto em meio a um amontoado de resíduos que invadem as casas na época das chuvas, que duram quatro meses do ano em Fortaleza. O cenário é de um corpo aberto, que necessita de sutura urgente.

Nessa realidade, escala um para um, é elaborada uma proposta de regeneração urbana com um primeiro nó na ponta da linha, um princípio, um partido: que o tecelão da malha e o cirurgião da sutura sejam partícipes e entendam o problema não mais a partir de uma visão segmentada, pautada unicamente em suas expertises e na escolha dos propósitos e linhas "certas". Uma proposta que entrelaça as possibilidades, na variedade de pontos possíveis para o bordado desse corpo-espaço cheio de coexistências, com suas muitas diferenças, que se expande e se modifica de forma dinâmica e complexa, fora de qualquer controle e à revelia de planejamentos.

São diversos parceiros envolvidos no projeto: universidades, organizações não governamentais, associações locais, diferentes setores dos órgãos públicos municipais que configuram, especialmente com os moradores que possuem suas portas de entrada de frente para o espaço em questão, uma equipe de trabalho.

A linhas de costura de um processo participativo não são imediatamente visíveis, mas são o pesponto de todas as conexões que tornam possíveis um processo de transformação ativa em uma situação espaço-social que demanda da comunidade consciência para uma nova perspectiva de onde se vê no lugar de um lixão, uma praça.

Na UFC, através de uma visão organizacional e mediadora do projeto-processo, aprendemos que o emaranhado da complexidade precisa, por uma necessidade de coerência interna, ser alinhado em casa. Com o propósito de incluir ensino, pesquisa e extensão, o famoso tripé da universidade pública, em um processo dessa complexidade com tamanha amplitude e paradoxalmente pontual, três professores assimilam o problema nas disciplinas de projeto de design e urbanismo. Um laboratório de design social e um escritório modelo de arquitetura e urbanismo se voltam exclusivamente ao projeto e, com a equipe formada e o diagnóstico definido, tem início em janeiro de 2015 o trabalho de um ano com mutirões mensais no local. Assim realizamos uma urdidura feita com muitas mãos, ação direta e entrelinhas entrelaçadas, a meta-metáfora de uma história cerzida na cidade, na universidade, no bairro, na praça, na memória das pessoas que tecem, no olhar das que passam, na vida das que ficam.

2 Fortaleza é a cidade-metáfora da tecitura urbana

Em um primeiro olhar, ocorre a aproximação entre o observador/pesquisador e o objeto/local de estudo/interesse por meio de mapas e dados secundários que evidenciam uma escala ampla e distante. Esta visão, a princípio, pode parecer excessivamente tecnocrata, mas ela é apenas um dos inúmeros filtros necessários para a compreensão do espaço e das relações sociais em questão.

A cidade é Fortaleza. Capital do Estado do Ceará, uma das quatro capitais do país em termos de densidade demográfica com estimativa de 2.609.716 habitantes de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016). Esta característica é resultado de um crescimento populacional acelerado que culminou na ocupação desordenada de diversas áreas da cidade e num tecido urbano desqualificado, do ponto de vista qualitativo e quantitativo, em áreas livres públicas.

Grande parte dos terrenos destinados a espaços públicos são áreas consideradas ambientalmente frágeis, como as margens de corpos d'água, dunas e encostas, que tornam-se suscetíveis à construção de moradias precárias e sem infraestrutura básica. Em Fortaleza, tem ocorrido uma intensificação do processo de ocupação ao longo da rede hídrica por moradias em situação precária e com ausência de infraestrutura básica.

Na Figura 1 observa-se uma demarcação feita pelo Diagnóstico Geoambiental de Fortaleza (2009) onde são destacadas as áreas mais instáveis da cidade que correspondem aos sistemas ambientais que demandam maior grau de conservação natural e, portanto, onde deve ser desencorajada a ocupação.

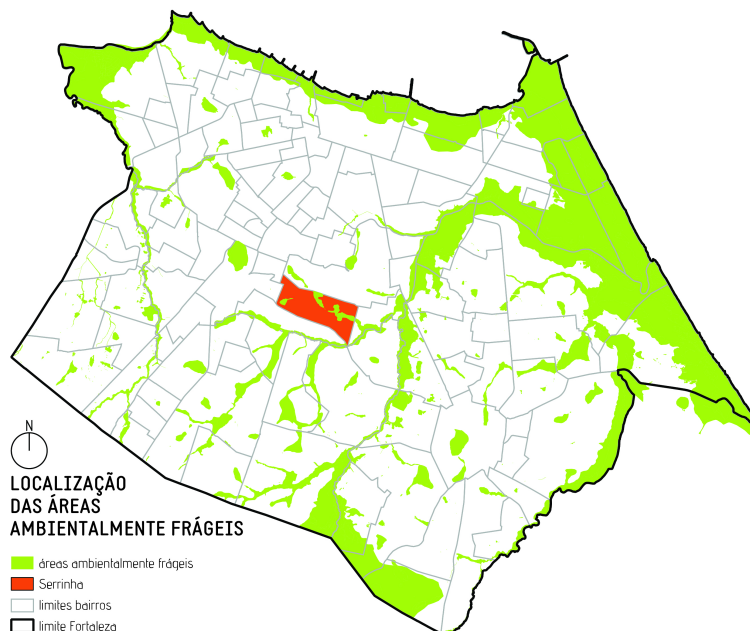


Fig. 1: Localização de áreas ambientalmente frágeis em Fortaleza. Fonte: Elaborado pelos autores com base em levantamento do Diagnóstico Geoambiental de Fortaleza(2008).

Entretanto, na Figura 2 é perceptível a sobreposição entre as áreas frágeis supracitadas e as ocupações irregulares mapeadas pela Prefeitura Municipal de Fortaleza em 2012 no período de elaboração do Plano Local de Habitação de Interesse Social (PLHIS).

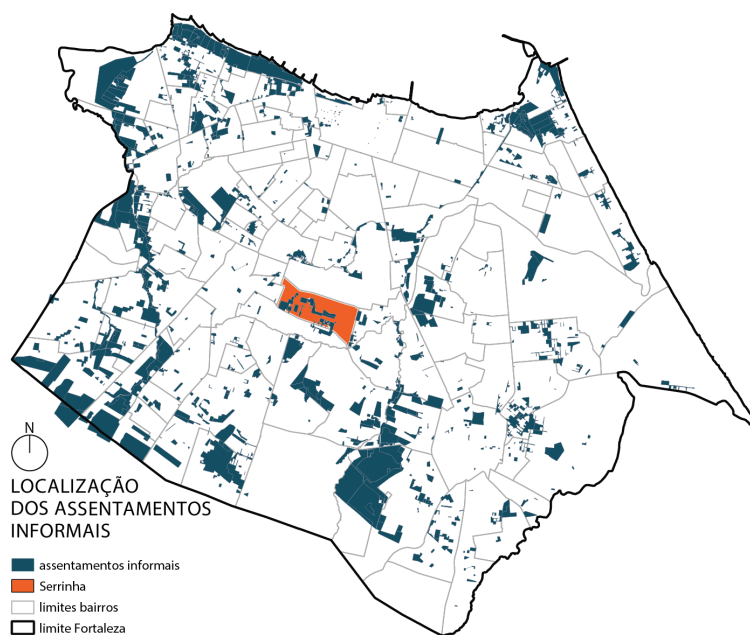


Fig. 2: Localização de assentamentos informais em Fortaleza. Fonte: Elaborado pelos autores com base no PLHIS de Fortaleza(2012).

Estas informações evidenciam um processo apropriação das áreas livres que compromete os recursos naturais e agrava desastres ambientais. Além disso, a maior parte das moradias localizadas nessas regiões são inadequadas do ponto de vista da salubridade e da dignidade humana submetendo os moradores a altos índices de vulnerabilidade socioambiental.

O que temos nesse cenário é o entrelaçamento de dados e mapas, números e informações georreferenciadas, que se refletem no espaço cotidiano do bairro Serrinha discutido em detalhes a seguir.

2.1 O bairro

O bairro da Serrinha está localizado em um contexto urbano de relativa infra-estrutura, com serviço de coleta de lixo realizado pelo poder público, conexão com a rede geral de água, existência de energia elétrica em mais de 90% das habitações do bairro (Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE, 2012) e uma rede viária com boas conexões com o restante da cidade.

Estas condições urbanísticas favoráveis comprometem as áreas ambientalmente frágeis vazias do bairro por meio de pressão por ocupação. À medida que estes terrenos instáveis permanecem vagos por desinteresse do mercado formal, devido a suas restrições ambientais, eles se convertem em resquícios da malha urbana e são apropriados pela população de baixa renda como uma forma de acesso à cidade.

O mapa abaixo (Fig. 3) é uma junção ampliada das Figuras 1 e 2. Nele está presente uma mancha correspondente aos assentamentos informais que avançam sobre os terrenos instáveis do bairro.



Fig. 3: Sobreposição entre áreas ambientalmente frágeis e assentamentos precários no bairro Serrinha. Fonte: Elaborado pelos autores com base em levantamento do Diagnóstico Geoambiental de Fortaleza(2009) e PLHIS de Fortaleza (2012).

A dinâmica de ocupação informal do bairro é melhor compreendida quando está relacionada a outros fatores. O loteamento inicial ignora questões específicas, sobrepondo uma malha xadrez à realidade geográfica e desconsiderando os contornos do espelho d'água da Lagoa da Itaperaoba, principal recurso hídrico da área. Este desenho induz ao confinamento da Lagoa por edificações e vias e acarreta a impermeabilização de áreas originalmente alagáveis, fato que gera uma situação de insegurança devido ao risco de inundação. Essa condição de área ambientalmente frágil induz à ocupação informal, que quebra a lógica de ocupação planejada.



Fig. 4: Comparação entre o projeto de loteamento e a situação real. Fonte: Elaborado pelos autores com base em cópia heliográfica fornecida pela comunidade e planta cadastral da cidade.

Soma-se a isso a poluição da Lagoa gerada por dejetos domiciliares provenientes de ligações clandestinas feitas com a rede de drenagem. Vale salientar que a rede de esgotamento sanitário é insuficiente, presente em 16% do total de domicílios do bairro (IPECE, 2012).

Diante das poucas áreas livres presentes no bairro, nossa área de estudo destaca-se como um local urgente de regeneração urbana que surge como um espaço residual, onde se acumulam tantas camadas de complexidade que se torna impossível aplicar modelos tradicionais de projeto, fato que distancia este espaço da intervenção por parte do poder público que não possui ferramentas para lidar com esta realidade. Apesar disso, estes fragmentos fazem parte da vida urbana de sistemas psicossociais dinâmicos, comunidades também marginais que ocupam o ambiente em busca de permanência.

3 O local, metáfora do corpo aberto, sutura

Quando chegamos no local, vimos um espaço circundado verticalmente pelo Instituto Irmã Giuliana Galli (IIGG), que abriga uma creche, algumas habitações formais e informais, muros, uma loja de roupas, um cabeleireiro, um varal coletivo e uma esquina com um altar, que costuma guardar uma santa itinerante. No chão, margeando a creche, um córrego com incontáveis conexões clandestinas de esgoto, sangradouro da Lagoa de Itaperaoba, mais um acúmulo insalubre de lixo doméstico e restos de obra de construção civil, imiscuídos ao fluxo de pessoas, bodes, porcos, galinhas, ratos, cachorros e cavalos. A demanda do Instituto à universidade é de transformar o espaço em um lugar que seja apropriado ao uso, principalmente das crianças, uma vez que a menos de uma quadra dali também há uma escola municipal de ensino fundamental.

A conformação desse espaço obedece, também, a uma lógica própria. Surge como um largo, um respiro na alta densidade das ocupações. Seu contorno irregular é resultado direto do acúmulo de edificações ao redor e às vezes sobre o sangradouro, substituindo a lógica da malha xadrez por um desenho orgânico. Apesar da unidade espacial, o local é um aglomerado de retalhos oficiais, entre sobras de lotes particulares e trechos de vias descontínuas.



Fig. 5: Camadas de problemas. Fonte: Elaborado pelos autores.

No processo de definição do problema reconhecemos a falta de identificação dos moradores com o local, o que justifica utilizá-lo como o local onde se joga lixo. Um objetivo passa a ser, então, fazer desse espaço um lugar, com identidade e sentido de pertencimento.

[...] uma porção de espaço significada, ou seja, cujos fixos e fluxos são atribuídos signos e valores que refletem a cultura de uma pessoa ou grupo. Essa significação é menos uma forma de se apossar desses elementos e mais de impregná-los culturalmente para que sirvam para a identificação da pessoa ou do grupo no espaço, para que encontrem a si mesmos refletidos em determinados objetos e ações e possam, assim, guiar-se, encontrar-se e construir sua medida cultural no espaço. (DUARTE, 2002, p.65)

Assim, um dos pontos da sutura é o atributo de identidade, a linha que perpassa, atravessa e une os moradores ao espaço, de modo que o "quem sou" esteja enredado no "onde estou". Ser de Fortaleza quer dizer que não importa em que lugar do mundo você está, Fortaleza está em você. No avesso, o uso do espaço também lhe atribui identidade. O lugar é constituído por pessoas, uma confecção realizada por moradores e os que cotidianamente passam, zelam e deixam sua passagem impregnada na memória, na história, na cultura do local. Os lugares possuem sotaques e sempre são especiais. Por isso, fazer do espaço um lugar passa a fazer parte do principal objetivo imediato. Buscar com que as pessoas dali sintam que o espaço lhes pertence e que podem se apropriar dele de outra forma, com outros usos.

O segundo ponto da sutura é mais técnico, não menos elaborado e necessário, e diz respeito ao processo de compreensão de que os pedaços de problemas locais diagnosticados fazem parte do corpo maior, do tecido urbano que está figurado nele. É necessária a junção das linhas que compõem a malha para certificar os retalhos de problemas em uma composição que implica a complexidade ambiental, política e social em um desenho de praça e em sua construção. Nesse ponto, que é dado simultaneamente ao anterior, o projeto se realiza por meio de um movimento contínuo e espiral que alterna proposições, intervenções e análises do processo-projeto para as próximas proposições, intervenções e análises, sucessivamente.

4 Projeto e construção de identidade, costura nas entrelinhas do processo

Quando o contexto social envolve a universidade e entra nas salas de aula, nos laboratórios, nos pátios, ao mesmo tempo em que os aprendizes e educandos saem para as ruas, surge um novo espaço de troca e legitimação das diferenças. Paulo Freire (1983) entende a extensão como uma ferramenta emancipatória, uma vez que todos os envolvidos passam a ser produtores de seu próprio conhecimento, por meio de uma interação coletiva. A universidade se permeabiliza, o muro invisível que separa o dentro e o fora se dilui, assim como as hierarquias, para dar lugar a uma troca horizontal de conhecimentos. O que se sabe no cotidiano do local, no convívio com o problema, não é nem menos nem mais relevante que os modos científicos, técnicos e acadêmicos de buscar soluções. Das ruas para sala de aula, em uma costura de movimentos alternados e contínuos, a pesquisa surge como uma inevitabilidade metodológica de entendimento e elaboração das etapas de desenvolvimento do projeto, nem sempre previsíveis. No caso da arquitetura, urbanismo e design, considera-se que o próprio processo de projeto é pesquisa (Margolin, 2004). Cada imersão na realidade local agrega novas demandas em um sentido de aprimoramento e adequação dos processos de projeto à realidade em um **continuum** progressivo onde a solução técnica de problemas específicos, a produção de conhecimento coletivo e a construção de uma identidade local são confeccionados com mesmo fio. Ações sociais no espaço são incorporadas ao projeto como intervenções criativas determinantes e os antagonismos entre teoria e prática, professor-aluno, universidade-sociedade são abordados com equanimidade no ensino, na pesquisa e na extensão. O conceito de horizontalidade, definido por Milton Santos (2001, p. 108) como **"zonas da contiguidade que formam extensões contínuas"** traz à tona a diretriz da tecitura: o horizonte das relações humanas.

Para tanto, é preciso costurar diferentes áreas do conhecimento, perspectivas distintas que precisam coexistir em um processo participativo de regeneração urbana. A própria estrutura do tear requer flexibilidade e adequação de ferramentas, linhas, movimentos e uma perseverança objetiva na ação, onde o foco não fica atrelado ao fim, mas aos desígnios de uma linha de condutas e conexões.

4.1 Equipe de trabalho

Uma equipe composta principalmente por estudantes, professores e usuários do local exerce por um ano múltiplas funções. A situação demanda que sejam mediadores, arquitetos, designers, aprendizes, sociólogos, antropólogos, engenheiros, ambientalistas, especialistas do cotidiano local, colaboradores, costureiros, alfaiates, com as agulhas precisas na organização dos diferentes extratos de complexidade envolvidos no processo de transformação do lixão em um lugar, a praça. OIIGG, que acolhe a escola de educação infantil e a creche, tem uma função fundamental, local, vivencial, referencial e cotidiana. Além disso é o espaço físico que hospeda as atividades dos mutirões, uma vez que é contíguo à futura praça. AUFCrealiza a mediação entre as cooperações e organiza as múltiplas informações, decidindo com os parceiros e moradores presentes a cada mutirão, os próximos passos. Na universidade as ações foram distribuídas em três principais vertentes: no Varal - laboratório de iniciativas em Design Social, a construção de identidade local, por meio de dispositivos estratégicos de design utilizados principalmente durante os mutirões, a organização da complexidade das informações relativas ao processo e a realização da identidade visual do projeto, aplicada nas apresentações aos órgãos públicos, na realização de parcerias e na comunidade; no Canto - Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo, as pesquisas técnicas, urbanísticas e o desenvolvimento do projeto participativo da praça; nas disciplinas de Projeto Urbanístico I, do curso de Arquitetura e Urbanismo e na disciplina de Projeto I, do curso de Design, que envolve diretamente todos os alunos matriculados na realidade local e exerce uma função importante no diagnóstico do problema e em indicativos de soluções.

4.2 Construção de identidade local

Em 2014 o projeto de extensão "Praça Ecológica Vila Garibaldi", vinculado ao programa de extensão Canto - EMAU da UFC dá início à atividade "Aqui pode ser", uma proposta de interação que delimita com uma faixa o local, onde são fixados cartazes para que os moradores coloquem em post-its suas opiniões sobre o que imaginam e querem ali, com o intuito de identificar as demandas da comunidade. No mesmo período, alunos de design incorporam o problema na disciplina de projeto e apresentam onze diferentes propostas de solução ao problema do lixo. No final do ano, a UFC apresenta os projetos dos alunos em uma reunião ocorrida na escola, para um público formado por membros da administração do IIGG, assim como alguns alunos e professores da UECE (Universidade Estadual do Ceará) que também desenvolvem trabalhos com a comunidade. Ao final, juntos, decidimos dar continuidade ao projeto em 2015, com a definição inicial de realizar mutirões mensais durante todo o ano e a clareza da necessidade interdisciplinar de atuação.

Nos quatro primeiros meses o foco é dirigido a estratégias de participação, uma busca intensa de transformação de comportamento dos moradores em relação ao espaço. Durante o processo, a fotografia se apresenta como um poderoso recurso de construção de identidade.

O primeiro dispositivo estratégico aplicado ao projeto é uma sequência de calendários divulgados mensalmente, com as informações dos dias de coleta de lixo. Por meio do registro fotográfico dos moradores e das atividades dos mutirões, é eleita uma foto representativa do mês, aplicada ao calendário do mês seguinte. Como efeito, as pessoas se reconhecem na imagem, passam a aderir aos encontros e a se interessar pelo projeto.



Fig. 6: Calendários distribuídos no mutirões. Fonte: Acervo Varal - Laboratório de Iniciativas em Design Social.

Além da captura das imagens, o grupo do design social se depara com demandas internas ao projeto, linhas que precisam ser costuradas: 1) organização das ações, dado o nível de complexidade, abrangência e dinâmica do processo; 2) elaboração da proposta em uma linguagem compreensível no intuito de alcançar a própria comunidade e impulsionar sua participação; 3) divulgação dos mutirões mensais; 4) realização de parcerias no que tange serviços e espaços públicos junto aos órgãos municipais e estaduais; 5) promoção da troca de saberes entre os envolvidos para o entendimento e possíveis ajustes do processo; 6) criação de dispositivos capazes de gerar um sentido de pertencimento dos moradores em relação ao espaço público; 7) produção de comunicações sobre o projeto, com especificação das necessidades materiais, para busca e obtenção de recursos; 8) divulgação das ações e dos saberes que envolvem o projeto no âmbito acadêmico; 9) organização do registro, arquivo e a articulação das informações para publicações. Para cada uma das demandas são elaborados dispositivos estratégicos a partir de três parâmetros: recursos gráficos, digitais e artefatos.

A base metodológica da pesquisa-ação (TRIPP, 2005; TOLEDO; JACOBI, 2013) se insere de forma ampla no cenário projetual. Uma costura preliminar, responsável pela criação de uma plataforma de conhecimentos que serve de guia durante o processo projetual – o metaprojeto (MORAES, 2010) – e outra aplicada como aprimoramento contínuo da prática das intervenções participativas, colaborativas e co-criativas, em ciclos alternados por interações e análises. Assim, as demandas do processo indicam a necessidade de novos dispositivos, que são realizados e variam de acordo com a estratégia de ação.



Fig. 7: Infográfico dos dispositivos estratégicos aplicados. Fonte: Acervo Varal - Laboratório de iniciativas em Design Social da UFC.

Em maio reconhecemos que a comunicação precisa ser mais direta. As imagens do projeto são renderizadas e aplicadas em fotos do local, para uma maior identificação da comunidade com a proposta "Vamos construir juntos nossa praça!", apresentada em um evento do dia das mães, na escola. No mês seguinte, ao chegarmos para o mutirão, nos deparamos com o terreno limpo, coberto com areia, crianças jogando bola e um muro grafitado com os dizeres "Guaribale Favela na paz de Deus" e "Mantenha a Comunidade Limpa". Como almejado, os moradores começam a atuar como participantes ativos na construção da Praça e se apropriam do local. A "Praça Vila Garibaldi" passa a ser o "Projeto de transformação ativa Praça Ecológica Guaribal". O grafite é absorvido como identidade visual da Comunidade Guaribal e determina a linha de desenvolvimento da identidade visual do projeto.

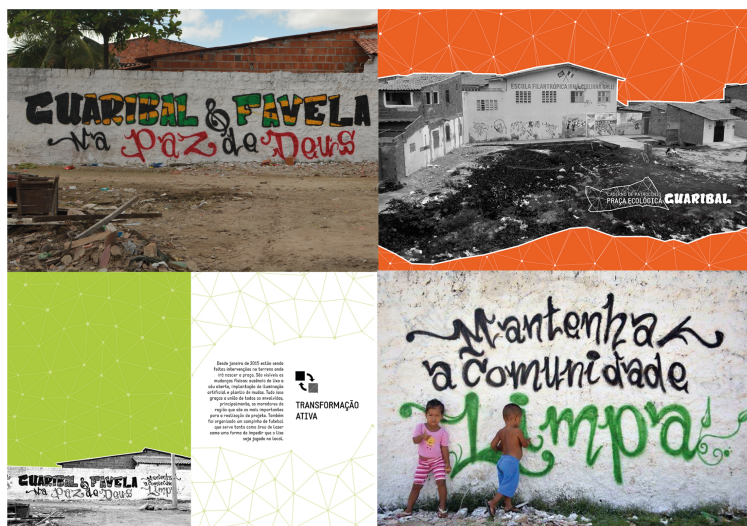


Fig. 8: Grafites feitos pela comunidade e aplicações da identidade visual do projeto. Autores: Acervo Varal - Laboratório de Iniciativas em Design Social.



Fig. 9: Montagem das placa de identificação das mudas no mutirão de agosto e banner de indicação das datas dos mutirões na praça. Fonte: Acervo Varal - Laboratório de Iniciativa Design Social.



Fig. 10: Etapas do projeto utilizadas em apresentações. Fonte: Acervo Varal - Laboratório de Iniciativas em Design Social.

Busca-se, a partir das metodologias empregadas, uma compreensão dos dispositivos estratégicos e suas implicações, a partir dos resultados materiais obtidos por meio de registros concretos de suas consequências. São métodos que se tornam produtos das articulações que o designer opera entre os seus conhecimentos técnicos, vivenciais e as dinâmicas cotidianas dos espaços urbanos onde atua, com as especificidades culturais e comunitárias.

4.3 O projeto

Por projeto estamos falando de todos os recursos que foram utilizados com o intuito de transformar este local num espaço público adequado às necessidades dos moradores. O processo aqui apresentado parte de três pontos de vista que, antes de conformarem uma ordem cronológica, estruturam as estratégias de projeto em um formato mais didático: a resolução dos problemas inicialmente identificados, os métodos de representação/comunicação das ideias e as adequações às mudanças de contexto.

O projeto parte de uma etapa inicial de diagnóstico que foi elaborada a partir de visitas ao local e de conversas com os moradores. Esse entendimento do espaço e suas problemáticas se refletem em um conjunto de mapas que são apresentados nos primeiros mutirões. Através da participação dos moradores e profissionais de áreas correlatas (paisagismo de alto desempenho, engenharia sanitária, permacultura, engenharia ambiental, tecnologia social) foram elaboradas diretrizes para o projeto:

infraestrutura verde para lidar com os alagamentos e melhorar a qualidade das águas;

soluções de permacultura como alternativa para o tratamento dos efluentes domésticos;

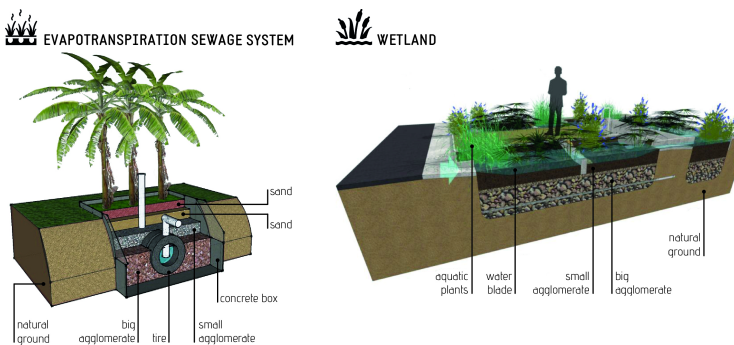


Fig. 11: Diagramas das diretrizes adotadas para o projeto. Fonte: Acervo Varal - Laboratório de Iniciativas em Design Social.

O processo ganha, com o passar do tempo, mais participantes com diferentes papéis, o que demanda uma multiplicidade de formatos de representação para uma melhor comunicação. Para a comunidade a representação técnica não se mostrou eficaz e foram testadas fotomontagens e maquetes físicas, que proporcionam relativo entendimento das ideias elaboradas. Porém, é somente a partir da intervenção local feita pelos moradores (a limpeza e a instalação de campinho, como dito no ponto anterior) que compreendemos que a representação não basta e que a alteração direta do espaço físico torna-se mais eficiente. Desse ponto em diante, são priorizadas as ações de modificação, que partem de um planejamento prévio através de projeto, são modificadas por

questões da realidade e realimentam o projeto, caracterizando a pesquisa-ação. De todo modo, colaboradores técnicos e setores da administração municipal participam do projeto, o que mantém a importância das representações técnicas dentro do processo.

A dinâmica de intervenção na realidade condiciona a incorporação de diversas contribuições, que por vezes representa mudanças radicais nos rumos do projeto. A primeira dessas contribuições vem com a já citada implantação do campinho de futebol pela comunidade, equipamento que não estava previsto nas versões iniciais do projeto. Seu desenho e implantação são incorporados mediante um rearranjo das atividades e fluxos imaginados anteriormente. Uma posterior doação de mudas de árvores nativas pelo poder público se torna estratégia de separação entre fluxos de pedestres e veículos e o porte das espécies doadas condiciona o desenho de sua implantação. Ao fim, o projeto transita entre diversos setores da Prefeitura e, ao chegar ao setor de infraestrutura, é convidado a ser incorporado em um macro-projeto de drenagem que está sendo elaborado para a área. Com isso, é demandado e desenvolvido um projeto de urbanização que abarca não só a área em questão, mas se expande para as margens da Lagoa de Itaperaoba. Este é apresentado no local para todos os envolvidos, incluindo representantes do poder público, através de desenhos técnicos, perspectivas e animações. Em paralelo, junto à comunidade, são continuadas as ações de intervenção, como a construção de mobiliário com reaproveitamento de pneus e madeiras doadas.



Fig. 12: Perspectivas do projeto exibidas na apresentação final. Fonte: Acervo Varal - Laboratório de Iniciativas em Design Social.



Fig. 13: À esquerda, mobiliário construído junto com a comunidade. À direita, equipamento de lazer doado pela prefeitura e inaugurado no dia da apresentação final. Fonte: Acervo Varal - Laboratório de Iniciativas em Design Social.

5 Do pesponto ao arremate

Nos últimos dias de 2015, a prefeitura assume oficialmente a continuidade executiva do projeto. Na mesma ocasião a equipe da UFC entrega o ante-projeto da praça à prefeitura e à comunidade e dá um arremate nos trabalhos que envolvem sua equipe. Sabemos que os resultados são parciais, que o processo é contínuo e acreditamos que ainda haverá muitos fios dessa meada a serem tecidos. O período de atuação e o anteprojecto concluído foram previamente estabelecidos como critérios de permanência do projeto nesse lugar.

Trazemos como aprendizado e experiência para outros projetos o essencial da participação ativa das comunidades com as quais se coopera em processos de regeneração do espaço comum. Revelar à comunidade o problema que ela mesma sofre para, assim, ser corresponsável por sua solução, faz com que os resultados alcancem um nível suficiente de autonomia e sustentabilidade urbana. Na costura de aspectos materiais, humanos e processuais, pode-se afirmar que o tempo todo métodos, técnicas e ferramentas são criados a partir dos significados que os envolvidos atribuem e interpretam por meio de ações e construções compartilhadas, em um mesmo objetivo.

A universidade, especialmente a pública, possui um compromisso: atuar e ensinar que a cidade somos nós. Temos responsabilidades sobre ela. Precisamos realizar tudo o que estiver no nosso alcance para que o emaranhado se alinhe em um tipo possível de bordado. Entendemos que o fio condutor da tecitura urbana perpassa por realidades muito distintas: a nossa, do pátio da universidade, a dos moradores da Serrinha, da praça. Entrelaçamentos de espaços, seres-humanos, ações e modos de viver costurados, é o que precisamos realizar.

Referências

- DUARTE, F. **Crise das matrizes espaciais**: arquitetura, cidades, geopolítica e tecnocultura. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FORTALEZA, Prefeitura Municipal de. **Diagnóstico Geoambiental do Município de Fortaleza**: subsídios ao Macrozoneamento Ambiental e à Revisão do Plano Diretor Participativo - PDPFor, 2009.
- FORTALEZA, Prefeitura Municipal de. **Plano Local de Habitação de Interesse Social de Fortaleza**. 2012. Disponível em: <<http://acervo.fortaleza.ce.gov.br/pesquisa?categoria=PLANOS%20SETORIAIS>>. Acesso em: 05 Mar 2017.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2016. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/CLR>>. Acesso em: 05 Mar. 2017.
- Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Estado do Ceará (IPECE). **Perfil Municipal de Fortaleza**: tema XI: as condições domiciliares dos bairros. nº 44. 2012. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/informe/Ipece_Informe_44_12_novembro_2012.pdf>. Acesso em: 05 Mar. 2017.
- MARGOLIN, V.; MARGOLIN, S. Um "Modelo Social de Design": questões de prática e pesquisa. **Revista Design em Foco**, Salvador, v.1, n.1, p. 43-48, julho/dezembro. 2004.
- MORAES, D. **Metaprojeto**: o design do design. São Paulo: Blucher, 2010.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- TOLEDO, R. F.; JACOBI, P. R. Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. **Educação & Sociedade**, Revista de Ciência da Educação, Campinas, v. 34, n. 122, p. 155-173, jan-mar. 2013.
- TRIPP, D. Pesquisa Ação: uma Introdução Metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.
- VIEIRA, J. A. **Ontologia Sistêmica e Complexidade**. Formas de conhecimento e arte: arte e ciência uma visão a partir da complexidade. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.